

A teoria da imagem como chave de leitura das representações do divino e as crises eclesiais contemporâneas: uma introdução

The theory of image as a key in the reading of the representation of the divine and contemporary ecclesiastical crises: an introduction

La teoría de la imagen como la clave para las representaciones de lo divino y eclesiástica crisis contemporánea: una introducción

Helmut Renders

RESUMO

Uma igreja missionária abre-se para as pessoas sem distinção. Assim ela permanentemente acolhe espiritualidades e imaginários religiosos diversos. Isso causa conflitos, normalmente, sobre a pergunta “o que, realmente, representa Deus”. Para ajudar a compreender os conflitos, o artigo dialoga com a teoria da imagem e relaciona-a com a leitura teológica a partir dos conceitos iconoclasmo e iconofilia.

Palavras-chave: Iconoclasmo — iconofilia — conflitos religiosos — missão.

ABSTRACT

A missionary Church opens itself, without distinction, to persons. As such, it permanently welcomes diverse religious spiritualities and imageries. This creates conflicts, normally, regarding the question of what “really represents God”. In order to help understand these conflicts, this article dialogues with the theory of image and relates it with a theological reading based on the concepts of iconoclasm and iconofilia.

Keywords: Iconoclasm – iconofilia – religious conflicts - mission

RESUMEN

Resumen

Una iglesia misionera se abre para las personas sin distinción. Así ésta permanentemente acoge espiritualidades e imaginarios religiosos diversos. Eso causa conflictos, normalmente, sobre la pregunta “que, en realidad, representa Dios”. Para ayudar a comprender los conflictos, el artículo dialoga con la teoría de la imagen y la relaciona con la lectura teológica partiendo de los conceptos de iconoclasmo e iconofilia.

Palabras clave: iconoclasmo; iconofilia; conflictos religiosos; misión.

[Edição original página 47/48]

As representações de Deus e as diversas formas de cultuar a Deus

A discussão a respeito da representação do divino é antiga na igreja cristã. A diversidade de respostas se mostra diretamente na riqueza de modos de cultuar Deus. Hoje, encontramos ênfases no sacramento (catolicismo), na palavra (protestantismo tradicional), na doxologia (Igreja Ortodoxa, pentecostalismo), na imagem (ortodoxia, catolicismo), na comunhão (metodismo), no serviço (movimentos sociais), na operação de milagres e no exorcismo (pentecostalismo). Todos esses acentos se baseiam na convicção e experiência da presença de Deus mediante específicos meios da graça. Dessa forma, cada confissão, denominação, às vezes somente uma particular congregação e, finalmente, cada indivíduo expressa certa preferência por essa ou aquela representação do divino ou meio de graça. E não são raros os casos em que se questiona as representações utilizadas pelos outros, quando são desconhecidas e, assim, estranhas para si mesmo. Na perspectiva antropológica, o ser humano necessita ser iniciado na leitura de qualquer representação do divino.

As representações de Deus, a virada lingüística e a virada icônica

Retomo às conclusões dessa antiga discussão afim de considerá-las diante de novos desafios. O acesso ao significado das representações do divino parece estar passando, nos últimos cem anos, por grandes transformações. Fala-se, agora, depois da *virada lingüística*², da *virada icônica*. A ênfase na palavra, dos anos 20 e 30, promovida especialmente pela chamada teologia neo-ortodoxa, tinha se dirigido contra um protestantismo cultural europeu e sua (con)fusão de símbolos culturais e religiosos. A radical distinção promovida por ela, entre o divino e o profano, não conseguiu impedir que a palavra *par excellence*, a Bíblia, se tornasse, em seguida, um sinônimo de "vazio", deixando de ser um instrumento poderoso de resistência contra o totalitarismo. Este vazio se expressa também no meio protestante - talvez menos no meio luterano - em relação aos sacramentos e aos ritos. Enquanto algumas imagens,

símbolos e rituais parecem se calar, novos signos, símbolos e rituais surgem e anham força. O ato sacramental tinha se tornado ato memorial; mas, no momento em que as garrafinhas de "óleo ungido" são colocadas permanentemente na "Mesa do Senhor", este lugar é novamente "experimentado" como "altar", lugar da presença sagrada, lugar preferencial da representação do divino. Este desenvolvimento não se constata, porém, em todo o tempo e ao mesmo tempo. No mesmo momento em que esse "esvaziamento de significado" da palavra acontecia na Europa, a ênfase na palavra fortaleceu a sistência da teologia da libertação contra as ditaduras militares e contribuiu para teologias libertadoras, as de gênero ou as etnológicas.

Crise eclesialística como crise da representação de Deus

A esperança do renascimento do protestantismo tradicional pelas teologias da libertação parece estar se esgotando. Constata-se uma grande crise: a transformação do mundo pela palavra não aconteceu na forma desejada e prevista. Assim, o protestantismo tinha que não somente registrar que ele não foi capaz de evangelizar o mundo no século XX, de transformar o mundo

pelo evangelho social ou pela teologia da libertação, mas que, depois do fim da época colonial, outras religiões renasceram, o catolicismo se reformou garantindo sua relativa estabilidade e que se estabeleceu uma nova força cristã no mundo, o pentecostalismo.

Essas mudanças causam medos, e não raramente se enfatiza, especialmente no meio protestante, ainda mais a distância entre um e outro, entre o cristianismo da palavra (de Deus) e o cristianismo da imagem, do sacramento, da magia popular dos movimentos "politizados", considerados, em última análise, desvios do encontro com o Deus verdadeiro.

A herança dupla grego-hebraica e seus efeitos

É bom se dar conta, porém, que está pergunta é, em parte, muito mais antiga. O fenômeno existe não somente dentro do cristianismo. Ele aparece na tensão entre a preferência da cultura grega pela escultura, a imagem, e a preferência do mundo semita pela palavra. O cristianismo, o consciente herdeiro dessas duas culturas, assumiu as duas perspectivas e desenvolveu o assunto nas discussões entre a Igreja Ortodoxa e Católica; mais tarde, entre a Igreja Católica e o Protestantismo histórico e, recentemente,

entre o Catolicismo e o Pentecostalismo. As respostas e definições encontradas no passado definem até hoje muitas discussões dentro da Igreja Metodista no Brasil, sendo disso consciente ou não. Acredito, por exemplo, que as tensões entre os defensores e os críticos de relações ecumênicas, a clássica falta de entendimento entre a igreja e a academia (teologia) e os mal entendidos entre a membresia estabelecida (considerada como "parada") e a membresia nova (considerada "entusiasta") podem ser lidos, na sua essência, como discussões sobre a nossa noção de autoridade religiosa, sobre o que — e quem — representa ou, no mínimo, pode representar Deus no meio da

[Edição original página 51/52]

criação e da sua igreja. As respostas encontradas no passado parecem-nos hoje obrigar a optar ou para uma perspectiva iconoclasta ou para uma atitude iconófila, ou seja, para uma rejeição unilateral ou para um reconhecimento geral de um ou outro meio como representante do divino. Mas, esse é realmente o caso?

A "verdade" tanto da iconofilia como do iconoclasmo

Do meu ponto de vista, o problema aqui não está no fato de tomar-se, em um ou outro momento, uma posição iconoclasta ou iconófila. O problema está na aplicação categórica, exclusiva e a-temporal de posições iconoclastas ou iconófilas. E, se eu não me engano, é isso, atualmente, a grande tentação. Uma parte da igreja enfatiza cada vez mais a palavra; a outra se importa com novas representações de Deus, repensando rituais, liturgias e afirmando o caráter contextual da religião. Nesta situação, parece-me que não está em uso nenhuma linguagem que para entende as contribuições das duas perspectivas. Sem linguagem em comum, não há conversa nem argumento.

Experiências no cotidiano eclesial

O que num campo parece tão difícil numa outra área é aceite tranquilamente. Acredito que cada um de nós já passou pela experiência de que um exemplo, usado na pregação, "colou" muito mais do que todo o discurso. Isso não deve surpreender: histórias são imagens desenhadas com palavras, um convite para a imaginação completar o que ficou em aberto. Da mesma forma, encontramos também nas nossas comunidades metodistas, apesar de

tendências anti-sacramentais, pessoas que procuram especialmente a Santa Ceia para seu encontro com Deus; e outros passam pela experiência da presença de Deus pela música. A importância dada à garrafinha com óleo para ungir e sua localização no "altar", em vez da celebração da ceia do Senhor, são claras dinâmicas sacramentais. "Surge" em nosso meio, paralelamente, à deconstrução do sacramento do batismo, uma nova poderosa representação de Deus. O ser humano, afinal, é um ser simbólico. O nosso objetivo é, então, primeiro, procurar uma teoria ou linguagem que englobe a relação imagem-palavra-sacramento-ritual etc, uma perspectiva mais ampla. Para isso, parece-me interessante dialogar com a teoria da imagem. Além disso, por razões de praxis denominacional, precisa-se discutir isso este à luz do método teológico adotado no metodismo brasileiro, o chamado quadrilátero wesleyano.

O conceito "iconologia", sua abrangência e dinâmica inerente

Imagens, narrações e sacramentos fazem parte dos sistemas simbólicos religiosos. Esses sistemas são culturalmente determinados (Clifford Geertz) e necessitam de iniciação coletiva. As dife-

[Edição original página 52/53]

renças substanciais entre a percepção grega e semítica se repetem, por exemplo, na América Latina, nos diferentes conceitos simbólicos dos 'Incas (imagem) e dos Guaranis (palavra). Apesar da relativa estabilidade de sistemas simbólicos religiosos, eles sofrem lentas e permanentes modificações no sentido de reinterpretações, da perda ou do aumento de significado do sistema no total ou de um ou mais dos seus elementos. Existe uma ligação entre sistemas simbólicos e a ordem das coisas (Foucault); teologicamente dito, entre o criador, as suas criaturas e a cultura criada por elas. Sem a percepção ou a concessão desta ligação, qualquer "meio" (do divino) se tornaria para nós mudo, ou, em termos religiosos, insignificante por não mais significar algo religiosamente, por não mais simbolizar o divino. Especialmente em contatos inter* culturais fica o símbolo do outro, com muita frequência, no mínimo, inicialmente ilegível.

Primeiro, precisa-se delimitar o meu interesse na contribuição dessa teoria, por que se trata de um campo de conhecimento muito amplo. Ela pode discutir a representação de algo (imagem, escritura, corporeidade, imagem e culto, imagem e memória, imagem, poder e metáfora) e a rela-

ção entre a imagem e o olhar (técnicas de percepção, teoria do conhecimento, história cultural do olhar). Na sua perspectiva, pode-se enfatizar o uso pedagógico de uma imagem (imagem como meio do saber e da comunicação do saber, arte) e refletir a relação entre imagem, movimento

mentos como, por exemplo, palavra e imagem. H. Timm, na sua teologia da imagem inclui, no campo semântico de imagem, "pintura, estátua, fotografia, ilustração, imaginação, idéia e visão" e distingue disso "um centro audivelmente descrito". E Jérôme Cottin relaciona imagem com "analogia, imitação, *mimesis*, representa-

Imagem			
Visão	Mitos	Ritual	Modelo
Imagem Vista	Imagem publicada	Imagem coletivamente formada	Cópia de um protótipo

e a sua reprodução técnica (teatro, filme, internet). Fala-se de "imagem" para designar representações abstratas ou concretas, fenômenos naturais (imagens em espelhos, sombras), mentais (imaginário, imagens de sonhos) ou lingüísticos (metáforas). Essa abertura de significado faz o conceito interessante para perspectivas estéticas, a teoria do conhecimento e a teologia.

Apesar do fato de que também a teoria da imagem pode partir de abordagens mais restritas ou amplas, ela geralmente não somente distingue, mas relaciona também os seus ele-

ção [...] copia." R. Volp, no artigo "A imagem como categoria fundamental da teologia", relaciona com o conceito de imagem as palavras *effigies*, *e-xemplum*, figura, forma, *signum*, *simula-crum*, *species*, *symbolum*, *statua*, *typus*, e especialmente *imago*. Fora disso relaciona.

[Edição original página 50/51]

Esta abrangência encontra-se também em teóricos da imagem não particularmente cristãos como W. J. T. Mitchell. Ele agrega à imagem cinco áreas;

Imagem (algo parecido, similitude, um representante)				
Gráfico	Ótico	Perceptível	Mental	Verbal
Pinturas Estátuas Desenhos	Espelhos Projeções	Dados dos sentidos Aparecimentos Idéias Imaginários	Sonhos Memórias	Metáforas Descrições

Mitchell investiga nos seus dois livros "Iconologia: imagem, texto, ideology" (1987) e "Teoria da imagem: ensaios sobre representação verbal e visual" (1994) o aspecto do poder das mais variadas formas de representações, no caso, do poder político e da ideologia. Uma representação secular canaliza e liberta forças transformadoras ou destruidoras na esfera pública por que ela "funciona" como uma representação religiosa: ela representa poder. Mitchell não pretende

[...] criar uma teoria da imagem, mas em destacar o papel da teoria [...] na formação de representações. [...] A virada pictorial focaliza a forma como o pensamento moderno se reorientam ao redor de paradigmas visuais que parecem ameaçar [...] qualquer possibilidade de excelência discursiva .

Estou interessado, da mesma forma, nas dinâmicas ocorrendo na prática, na busca de um discurso compreensível para um mundo

religioso que parece estar perto de se integrar ou de se conformar com a idéia da não-comunicabilidade de experiências religiosas, por não entendê-las e por não saber que a concentração exclusiva em meios preferenciais da graça pode cegar para o fato de que outros ritos, imagens, sacramentos ou palavras continuam também a exigir respostas dos seus observadores.

Assim, partindo do entendimento mais amplo de imagem como potencial representação do divino, somos capacitados a entender a abrangência do que se pode chamar uma potencial representação do divino, ou, numa perspectiva cristã, dos meios de graça, nos quais o sagrado se faz presente possibilitando o contato consigo. Assim, a iconologia poderia investigar representações do divino num sentido mais abrangente da seguinte forma:

[Edição original página 54/55]

Mas, há mais aspectos a serem con-

América Latina, especialmente por

Iconologia (representações do divino)						
Gráficas	Óticas	Perceptíveis	Mentais	Verbais	Ritualistas	Mitológicas
Pinturas Estátuas Desenhos	Espelhos Projeções	Dados dos sentidos Aparecimentos Idéias Imaginários	Sonhos Memórias	Metáforas Descrições	Liturgias Sacramentos	Relatos fundantes

templados ainda. No livro "Religião, arte e cultura visual", editado por S. Brent PLATE, fala-se não somente de temas clássicos como a caligrafia islâmica, a iconografia cristã ou o significado do ato de olhar no budismo e hinduísmo, mas investiga-se também a memória judaica moderna após o holocausto e seus ícones e ídolos, representados por uma arquitetura distinta. Importante é que qualquer espaço construído ou realizado é um espaço iconológico. A arquitetura cita símbolos culturais e religiosos, para garantir ou sublinhar seu lugar e poder. Edifícios sacrais representam o divino e eram antigamente considerados "moradi-a" da sua respectiva divindade. Por causa disso, trata-se de uma categoria própria das *representações estruturais*.

Para completar, menciono ainda a apropriação do discurso iconológico na análise da economia por teólogos da

Hugo Assmann, Frank Hinkelammert, Enrique Dussel e Jung Mo Sung. A sua preocupação com a idolatria do mercado - sem negação completa da sua potencial utilidade, isso seria seu aspecto icônico - e os sacrifícios requeridos por ele mostra que a dinâmica iconológica de identificação e rejeição, de contextualização e universalização é uma parte crucial da implantação ou manutenção de sistemas sociais. A busca de uma hermenêutica de um "discernimento das armas ideológicas da morte e uma busca da força do Espíri-

[Edição original página 55/56]

to da vida [...]" pode servir como modelo da tensão ícone-ídolo. Em relação à tabela, poderíamos classificar sistemas socioeconômicos como grandes rituais, porém, proponho mais uma categoria ao me referir a *representações sistêmicas*:

Iconologia (representações do divino)	Gráficas : pinturas, desenhos, estátuas;
	Óticas: espelhos e projeções;
	Perceptíveis: dados dos sentidos, aparecimentos, idéias, imaginário;
	Mentais: sonhos, memórias;
	Verbais: metáforas, descrições;
	Ritualistas: liturgias, sacramentos;
	Mitológicas: relatos fundadores;
	Estruturais: arquitetura;
	Sistêmicas: sistemas sociais, políticos, econômicos;

Retomando a percepção da construção, desconstrução e reconstrução contínua de sistemas simbólicos, devemos esperar que a função de cada tipo destas representações possa mudar. Isso significa, conseqüentemente, que a nossa relação com elas pode mudar também. Essa mudança é uma mudança numa relação de poder. Aqui entendemos as razões da existência paralela de tendências iconófi-las e iconoclastas na Bíblia e na prática da igreja e a violência dos tempos em que as mudanças ocorrem

aceleradamente. A acolhida ou rejeição de uma dessas representações do divino, o desprezo de uma ou a valorização da outra, não somente pode, mas deve variar e depende da função das representações do divino em relação ao lugar e ao tempo.

Finalmente, pode-se revalorizar a clássica distinção iconológica entre a iconofilia e o iconoclasmo e aplicá-la a todos os elementos, aqui mencionados, como potenciais representações do divino; por exemplo, a fim de entender a nossa relação para com a Bíblia: para alguns, eia representa literalmente a palavra de Deus; para outros, testemunho humano. Nota-se que, nesta leitura, o fundamentalismo seria um tipo de iconofilia.

a) A compatibilidade com o método teológico metodista em vigor

Para situar esta reflexão no contexto atual denominacional, é de todo oportuno refletir sobre a sua compatibilidade com o método teológico em uso no metodismo brasileiro. O metodismo brasileiro, como ver-se-á em seguida, oferece para isso um instrumento adequado; entretanto, parece-me que tem sido pouco usado.

Na sua forma inicial, este método teológico foi desenvolvido durante o processo de criação da Igreja Metodista Unida. Nesta época, procurava-se esclarecer a identidade do novo corpo eclesial por meio do esclarecimento do método teológico a ser usado. A Igreja Metodista (do Brasil), uma igreja nacionalmente independente, porém, afiliada à Igreja Metodista Unida, acolheu, em seguida, os mesmos princípios, mas ampliou sua base com mais um elemento. O quadrilátero metodista inicial relaciona o papel da Bíblia, tradição e experiência na revelação de Deus e o uso da razão como instrumento de interpretação dos três.

Versão de 1972:



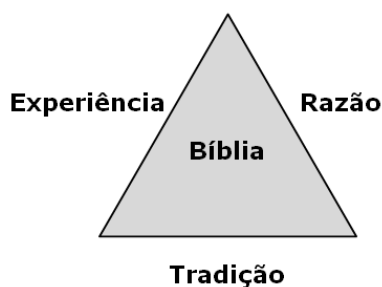
Esta primeira edição sofreu muitas críticas, especialmente quanto ao papel atribuído à Bíblia como mera "referência entre referências". Quanto ao nosso tema, a iconologia, podemos dizer que as três ênfases ou critérios

— a experiência do divino e da vida, a interpretação da experiência religiosa na história, e os textos bíblicos — não definem em si uma postura iconoclasta ou iconófila.

Em 1988, houve uma nova reconfiguração, cujo resultado principal foi o destaque da Bíblia como fonte principal de conhecimento de Deus.

Versão de 1988:

[Edição original página 56/57]



Destacando a função central da palavra corre-se o perigo de voltar para a antiga prática e contrastar, em vez de relacionar, imagem e palavra. Assim, a versão de 1988 é potencialmente mais iconoclasta do que a versão de 1972. Isso depende, finalmente, da forma de exegese. A discussão dessas definições, porém, nunca parou.

Assim mostrou Tyrus CLUTTER que a versão de 1988 não leva necessariamente para o iconoclasmo, baseando a sua análise da arte de Edward KNIPPERS e Thomas Kinkade no quadrilátero de 1988. Clutter baseia a sua estética no

conselho paulino de buscar o amável ou belo. Depois, ele investiga conceitos de beleza, analisa os conceitos das tradições dos pintores e a experiência que as imagens causam em diversos públicos e chega à conclusão: "Numa sociedade pluralista e pós-moderna — que depende totalmente de imagens visuais — suplicamos que os evangélicos utilizem também o visual a fim de serem sal e luz". A introdução do conceito de beleza como conceito bíblico não é novo. Mesmo que clutter use o quadrilátero mais como ponto de partida da sua reflexão, fica visível que a versão de 1988 ainda possibilita uma teologia da imagem construtiva e não excludente.

Fora da Igreja Metodista Unida houve mais uma adaptação das versões de 1972 e 1988, e esta foi feita pela Igreja Metodista no Brasil. O "quadrilátero" brasileiro trabalha com 'cinco' elementos ao incluir o elemento "criação". O assunto não tinha sido ignorado pelos teólogos da Igreja Metodista Unida; pelo contrário, a "Revelação de Deus em sua criação" abrange o "Conhecimento de Deus a partir da experiência [...] nas religiões [...] pela razão" e o "Conhecimento natural de Deus". Mesmo assim, não

entrou explicitamente nas versões de 1972 e 1988. Os teólogos brasileiros criaram a seguinte versão:



Mas, apesar da constatação desse fato, ainda são raras as aplicações do caminho teológico desta forma iniciada:

... por que o conhecimento oriundo da criação tem sido excluído na interpretação do pensamento de Wesley? Sem dúvida, uma das razões reside no fato de que esse tipo de questão normalmente é incompreendido e logo descartado como reinvindicação a favor de uma teologia natural. Entretanto, não podemos ignorar que Wesley demonstrou profundo interesse pela natureza e mesmo pela ciência [...] Em suas notas sobre o salmo 19, Wesley reafirma o mesmo ponto de vista ao descrever os céus como um 'livro legível' [versículo 1] que 'nos dá um claro conhecimento, ou revelação de Deus como seu autor' [...] Além disso, como constatamos anteriormente, Wesley admitia um certo senso da imanência de Deus dentro do mundo.

A interpretação da criação por Wesley, como testemunho da sabedoria de Deus, justifica certamente esta visão. Nesta perspectiva, a criação não é somente alvo e espaço da salvação, mas também meio da graça divina. A inclusão da criação no método teológico é, então, plenamente "tradicional" e traz, em relação ao tema deste ensaio, algumas possibilidades para futuras investigações:

[Edição original página 58/59]

- O ser humano como "ícone de Deus" ganha a dimensão da corporeidade e da cooperação;
- A criação é campo pleno da ação de Deus, não algo que sobrou para "o diabo";
- O movimento muda da desdivinização do mundo para o redescobrimento do sagrado.

A ênfase na teologia brasileira possibilita, então, duas áreas de diálogo importantes. Primeiro, abre-se aqui um diálogo com a fenomenologia em geral e com as contribuições de pesquisadores como Rudolf OTTO e Mircea ELIADE e sua noção da percepção do sagrado como fenômeno universal. A caracterização da experiência do santo, por Otto, como *tremendum* e *fascinosum* e a sistematização de "ierofanias", de experiência do sagrado relacionado com fenômenos natu-

rais, proposta por Mircea Eliade, nos sensibilizam, numa perspectiva cristã, para a profunda relação entre criação, criatura e criador e, ao mesmo tempo, para o fato de que a experiência religiosa precisa de interpretação para ser entendida e relacionada com esta ou aquela religião. As representações do divino até agora listadas eram, ao mesmo tempo, "criações humanas". Agora acrescentamos fenômenos naturais.

<div>Iconologia</div> <div>(representações do divino)</div>	Gráficas: pinturas, desenhos, estátuas;
	Óticas: espelhos e projeções;
	Perceptíveis: dados dos sentidos, aparecimentos, idéias, imaginário;
	Mentais: sonhos, memórias;
	Verbais: metáforas, descrições;
	Ritualistas: liturgias, sacramentos;
	Mitológicas: relatos fundadores;
	Estruturais: arquitetura;
	Sistêmicas: sistemas sociais, políticos, econômicos;
	Naturais: água, vento, locais sagrados, estrelas, cosmos etc;

O maior problema em interpretar estas representações naturais do divino é que a experiência mística causada por meio delas está, como em cada experiência mística, além da linguagem. Mesmo passando por ela, continua sendo incomunicável.

Considerações intermediárias

Entendemos, assim, neste texto, iconologia como o estudo do campo amplo das representações do divino por meio da criação ou por meio de imagens, rituais, símbolos, sinais, liturgias, narrações, mitos e estruturas sociais, etc.

Acreditamos que estes elementos sejam "formalmente diversos" (imagens, palavras, palavra, rituais e imaginações), de autorias diferentes ou "co-criações" (de Deus e do ser humano) e que eles podem se tornar, mesmo assim, "essen-

[Edição original página 59/60]

cialmente parecidos" (quanto à representação do diino).

Este entendimento é plenamente aplicável no meio metodista por ser compatível com o método teológico em vigor, o quadrilátero, em especial com a sua versão brasileira.

Numa continuação, na próxima revista, pretendemos aplicar este método na leitura da teologia sacramental e na análise de conflitos religiosos na igreja e além dela, na compreensão de que conflitos religiosos são, em sua essência conflitos sobre a representação do divino.